

## ARTIGO

# A AMAZÔNIA E MÁRIO DE ANDRADE: UMA LEITURA INTERPRETATIVA DO BRASIL

### Resumo

Desde a descoberta do Novo Mundo, a Amazônia chamou à atenção e despertou a curiosidade do pensamento científico e da imaginação do Ocidente, seja porque nela habita uma imensurável parcela de espécies vivas do Planeta, entre vegetais, peixes, mamíferos, pássaros, insetos, entre outras, seja porque a relação da paisagem, do homem e de sua cultura com o território e a cultura brasileira sempre constituíram uma questão muito relevante para pensar o problema da unidade e da diversidade ambiental, humana e cultural do país. O artigo pretende aprofundar a discussão sobre a questão do lugar, da função e dos sentidos da Amazônia e de sua cultura na constituição da matriz cultural brasileira por meio da obra de Mário de Andrade, em especial, *Macunaíma* (1928) e *O Turista Aprendiz* (edição póstuma). Nessas obras literárias, Mário coloca em execução seu projeto estético-ideológico sobre o processo de interpretação da cultura brasileira, no qual a Amazônia ocupa um lugar privilegiado.

Palavras-Chave: Amazônia; Mário de Andrade; Brasil.

### Abstract

*Since the discovery of the New World, the Amazon has drawn the attention and curiosity of the Western scientific thought and imagination, either because in it inhabits an immeasurable quantity of living species of the planet, such as plants, fish, mammals, birds, insects, and others, either because the relationship between landscape, man and his culture with Brazilian territory and culture has always been a very relevant issue to think about the problem of the unity and environmental, human and cultural diversity of the country. This work intends to deepen the discussion about the question of place, function and senses of the Amazon and its culture in the constitution of the Brazilian cultural matrix through the approach of these works *Macunaíma* (1928) and *O Turista Aprendiz* (edited a few decades after His death) by the writer Mário de Andrade. In these literary works, Mário puts in execution his aesthetic-ideological project on the process of interpretation of the Brazilian culture, in which the Amazon occupies a privileged place.*

Keywords: Amazon; Mário de Andrade.; Brazil.

\* Mestre em Literatura e Cultura Regional pela UFRR; professor efetivo do Governo do Estado de Roraima.

\*\* Doutor em Letras/UFF; professor do curso de Licenciatura Intercultural/Insikiran; PPGL-PPGSOF/UFRR. Bolsista em Produtividade CNPq.

## A AMAZÔNIA E A INTERPRETAÇÃO DO BRASIL

Intérprete da cultura brasileira pelo viés da música, em certa ocasião o maestro Antonio Carlos Jobim afirmou que “o Brasil não é um país para iniciantes”. A blague do gênio musical brasileiro, espécie de *boutade*, se tornou famosa a ponto de ser citada amiúde em diferentes contextos e ocasiões, e de quase cair no anonimato-público, correndo o risco de perder a filiação com o criador, mas gozando de notoriedade ainda em nossos dias. Entretanto, ela nunca deixou de ser levada a sério, uma vez que nunca se pôde deixar de reconhecer que o Brasil realmente é um país de formação e história extremamente complexas.

Essa notória complexidade se manifesta em diferentes aspectos da realidade nacional e, por isso, o Brasil também se apresenta como um país de interpretação difícil em diferentes campos do conhecimento. Desse modo, qualquer tentativa de compreensão da construção histórica da diversidade social e da identidade cultural brasileira exige enfrentar as questões da unidade na diversidade e da diversidade na unidade. Logo, tentar interpretar a cultura brasileira não é, com certeza, tarefa para iniciantes.

Apesar disso, o presente trabalho pretende de alguma maneira fazer uma leitura interpretativa do Brasil, onde sobressai a questão de como a Amazônia, a região mais diversa e diferente do ponto de vista da fauna, da flora, da geografia, da geomorfologia, da história, bem como das formas sociais e humanas, compõe o conjunto daquilo que entendemos como sendo o Brasil e sua cultura.

Assim, não é nenhum exagero afirmar que, dentre as demais regiões brasileiras, a Amazônia é a região mais marcada pela diferença, uma vez que formada pela fusão de vários povos nativos e de outros povos migrados, que a ocuparam ao longo dos séculos. Mas, mais do que isso, ela mantém formas de vida e de práticas culturais bastantes distintas das que apresenta o Ocidente como um todo. E é esse aspecto que a fez sempre constar como item obrigatório das discussões sobre a ciência e a cultura brasileira e ocidental.

O processo de construção de uma identidade nacional sempre foi desafiado pela questão amazônica. E, nesse contexto, muitos intérpretes da formação historiográfica e literária brasileira denunciaram a existência de lacunas no grande debate interpretativo sobre o Brasil. Ela sempre dificultou, e até mesmo impossibilitou, a interpretação das formas da cultura brasileira<sup>1</sup>.

Não obstante à constituição da tradição histórica e discursiva que circunscreveu, ainda que de forma arbitrária e com fortes traços de exotismo descritivo, o processo

---

1 Cf. PINTO, 2008, p. 104

de construção das interpretações da sociedade e da cultura brasileiras enquanto variedades particulares da história do Ocidente, muitos pensadores e literatos<sup>2</sup> têm sido responsáveis pela criação e pela manutenção de uma longa e rica rede de ideias que tornaram a região amazônica tópico importante para a discussão filosófica do mundo moderno.

Tendo em vista as particularidades da geografia, da fauna e da flora, como também a diversidade e as peculiaridades culturais dos povos amazônicos, poucas regiões têm se mostrado tão desafiadoras ao processo de *re*construção da unidade nacional e, ao mesmo tempo, tão instigantes àqueles que buscam novos postulados e paradigmas para a formação do pensamento sobre o presente e o futuro da nação brasileira e do mundo.

Nesse processo, muitos pesquisadores brasileiros vêm-se dedicando a explicar o verdadeiro enigma da montagem da narrativa sobre a identidade cultural do país. Para tanto, foi a partir da segunda metade do século XX (PIZARRO, 2005), quando os cientistas latino-americanos passaram a estudar com maior afinco e denodo tanto o contexto político-cultural dessa região quanto as particularidades da sua formação histórica, política e social, que o complexo latino-americano começou a revelar suas raízes identitárias. Somente depois disso, as interpretações da sociedade e da cultura latino-americana passaram a definir padrões de análise mais coerentes com o seu contexto.

Contudo, estes estudos revelaram, também, a existência de um espaço cultural que tem sido muito pouco explorado no âmbito da cultura latino-americana – a Amazônia. (PIZARRO, 2005, p.59). É nessa fresta que o presente trabalho tenta se inserir.

Assim, para analisar esse espaço cultural ainda pouco explorado, talvez seja necessário começar buscando entendê-lo a partir das descrições muitas vezes fantasiosas de tantos aventureiros vindos de terras longínquas que por ela passaram e que a marcaram demais. O processo de interpretação da Amazônia sempre foi marcado por categorizações estereotipadas e exóticas. Trata-se de “a última página do Gênesis a ser escrita”, como afirma pomposamente o grande Euclides da Cunha (CUNHA, 2000, p.12).

Pode-se perceber que, tanto os intérpretes forasteiros quanto os agenciadores de suas aventuras mercantilistas e exploratórias, construíram, distorceram e promoveram, mundo afora, imagens da região amazônica – elaboradas em consonância com as (suas!) perspectivas (ex)óticas, culturalmente pré-estabelecidas e oriundas de relatos

---

2 Cf. PINTO, 2008, p. 15

imprecisos e contidos, muitas vezes, nas páginas amareladas de livros de história antiga. Por vezes, esses relatos foram proclamados por vozes anônimas.

Para Pizarro (2005, pp.62-63), entre os séculos XVI e XIX, a Amazônia é caracterizada pela força discursiva e pela imaginação fértil de viajantes, missionários e cientistas europeus, dentre os quais destacam-se holandeses, na figura do ilustre Maurício de Nassau, também irlandeses, ingleses, franceses, dentre outros.

Na intermitente lista de desbravadores ainda sobressaem, entre os anos 1530 e 1668, nomes como os de Vicente Yáñez Pinzón, de Pedro de Anzures, de Gonzalo Pizarro, de Pedro Teixeira, de Pedro de Urzúa, bem como do germânico Ambrósio de Alfinger, pelas terras venezuelanas, e, ainda, o do renomado Francisco de Orellana, que, no intuito de fazer fortuna rápida, talvez tenha, em algum momento, acreditado ser o primeiro europeu aventureiro a atravessar todo o Rio Amazonas, dos Andes até o Atlântico.

Os séculos XVI e XVII pautam uma movimentação predatória que muito custou ao Brasil não só do ponto de vista econômico, mas histórico e cultural. Todavia, o século XVIII, além de evidenciar os vínculos que a região amazônica tem com a formação historiográfica brasileira e mundial, como destaca Afonso Arinos de Melo e Franco, em *O Índio Brasileiro e a Revolução Francesa*, é fortemente marcado pelo progresso nas ciências.

As mudanças oitocentistas promovidas por esse progresso repercutiram nas formas de estruturar o pensamento de inúmeras áreas do conhecimento humano e reverberaram no processo de catalogação dos bens materiais e culturais da humanidade. Estas, por sua vez, repercutiram nos objetivos das expedições científicas de então, dentre as quais se destaca a expedição do francês Charles Marie de La Condamine<sup>3</sup> que, ao descer todo o Rio Amazonas, em 1743, passou por Belém do Pará. Ele buscava determinar com exatidão o grau do arco de meridiano nas proximidades da linha do equador, como também verificar as postulações de Newton sobre o achatamento da Terra nas zonas polares, tema que gerava ainda muita divergência no seio da comunidade científica.

Com a chegada do século XIX e da Família real portuguesa, os registros sobre o Brasil vão-se adensando, apesar de Portugal se esforçar por manter controle forte e sistemático do seu governo sobre as visitas e a presença de aventureiros internacionais no interior do país, principalmente àquelas imensidões de terras da região Norte do Brasil.

---

3 Disponível em: [http://aplicacoes.jbrj.gov.br/divulga/montanhas\\_amazonia.pdf](http://aplicacoes.jbrj.gov.br/divulga/montanhas_amazonia.pdf). Acessado em 03 de julho de 2017.

Dessa maneira é que, no Brasil, entre os anos de 1808 a 1819, foram produzidos importantes relatos: do botânico francês August de Saint-Hilaire, bem como, um pouco mais tarde, entre os anos de 1816 e 1822, os do alemão Frederico Guilherme Sieber, responsável por importantes estudos geológicos e botânicos realizados na bacia Amazônica.

Em conjunto, a obras dos intelectuais novecentistas representam uma grande contribuição em termos de possibilidade de leitura, de conhecimento e de interpretação do território, da fauna, da flora, bem como do homem brasileiro e de seus costumes. Esse era, enfim, momento de grande movimentação política, econômica e cultural em terras do novo império português.

Arbex Júnior (2005, p.31) localiza as primeiras aparições da região Norte na mídia ainda no final da primeira metade do século XIX, quando do desenvolvimento da economia amazônica, marcada pelo crescimento do preço da borracha no mercado mundial. Pouco a pouco, vai-se tornando ainda mais evidente a importância da Amazônia para o projeto de crescimento e amadurecimento da nação brasileira, como também para a busca de definição de uma caracterização histórica e cultural para o país.

No contexto de definição de uma maioria política, social e cultural para o Brasil, país cuja formação mestiça tem as raízes históricas fincadas no ‘fundo do mato-virgem’, e com o início do século XX, é que o escritor modernista Mário de Andrade encontrou o herói que tão bem se acomodou ao seu projeto estético e ideológico de definição da brasilidade. Foi na Amazônia, mais especificamente em Roraima, que uma índia Tapanhumas pariu uma criança feia, chamada de Macunaíma.

Contudo, se por um lado o século XX tem início com os movimentos artísticos de vanguardas impactando as concepções artísticas de intelectuais europeus e brasileiros, por outro, se vê em plena renovação das ciências sociais, principalmente, da Antropologia, cuja epistemologia já se apresentava com força nas renomadas academias europeias.

Na Alemanha, ainda nos últimos anos do século XIX, a polêmica da mudança paradigmática nas atividades antropológicas representou um grande passo para a ampliação do conhecimento sobre as comunidades indígenas, principalmente, da Amazônia, seus povos e experiências culturais, pois revelou-nos a figura jovial de Theodor Koch-Grünberg que iria fazer uma leitura mais contextualizada de uma região cujas fronteiras vão além das que abarcam Brasil, Venezuela e Guiana Inglesa. Elas ultrapassam as linhas contemplativas das lendas e mitos sussurrados pelo Monte Roraima, seus habitantes e entes ancestrais.

No Brasil, com a publicação das pesquisas feitas pelo autor de *Do Roraima ao Orinoco: observações de uma viagem pelo Norte do Brasil e pela Venezuela durante os anos de 1911 a 1913*, o trabalho do intelectual repercute na obra do escritor paulistano Mário de Andrade. Aprendiz do alemão, o poeta paulistano muito aproveitou da obra de Koch-Grünberg para ampliar seu entendimento sobre a importância do caráter nacional da cultura brasileira.

A relação de proximidade em que o discurso de Mário de Andrade se coloca, principalmente quando faz uma leitura interpretativa do Brasil tendo a Amazônia como figura simbólica, é coerente com sua reação face à leitura de *Mitos e lendas dos índios Taulipang e Arekuná*.

Fábio Carvalho afirma que, ao entrar em contato com a obra de Koch-Grünberg,

Mário de Andrade gozou mesmo foi da sensação da grande descoberta, e teve a imediata iluminação eufórica dos que se deparam com novo e rico filão, potencialmente capaz de prover de matéria-prima o projeto em que ele estava empenhado desde muito: moldar uma solução artística e literária para a construção de uma cultura própria para o Brasil (CARVALHO, 2016, p.679).

A obra de Koch-Grünberg serviu de inspiração para o representante ilustre do Modernismo brasileiro, mas também contribuiu para os estudos sobre a interpretação da formação social, histórica e cultural brasileira. Por um lado ela permite vislumbrar a diversidade pela qual o país foi formado, e por outro aguça a curiosidade da sociedade e dos cientistas para resignificação de uma historiografia que tem a região amazônica como símbolo nacional. Trata-se, a Amazônia, de *locus genesis* privilegiado, cujas páginas, depois de lidas e interpretadas com mais acuidade, poderão repercutir na resignificação da própria história da humanidade.

O etnógrafo alemão escreveu uma obra “extensa e de fôlego surpreendente”, que revelou aspectos importantes do processo de nossa formação social pelo viés da diversidade étnica e da miscigenação racial. Inseriu-se, por essa via, num grupo de intelectuais preocupados em interpretar o Brasil, e que abarcava nomes como o de Sílvio Romero, Mário de Andrade, Euclides da Cunha, Sérgio Buarque de Holanda e Paulo Prado Júnior que, dentre outros, se propuseram a conhecer o país e a alma *sui generis* do seu povo, a sociedade brasileira do século XXI. Artistas e pesquisadores se empenharam na tentativa de atualização e de desprovincianização de nossa inteligência sem perder de vista o passado.

## A AMAZÔNIA NO PROJETO DE BRASIL DE MÁRIO DE ANDRADE

A necessidade de definição de uma cultura válida para a nação fez com que parte da inteligência do início do século XX se empenhasse no esforço de interpretar o caráter do Brasil e do brasileiro. À época, mal engatinhava o levantamento das fontes para produção da história nacional. A produção da geração de 1870 abriu e alargou corajosamente este levantamento, e intelectuais como Capistrano de Abreu e Sílvio Romero foram pioneiros nesse processo. Mas, como já vimos, eles não puderam ser reconhecidos publicamente pela juventude transgressora que então surgia e começava a dominar a cena artística brasileira.

Contudo, passada a fase mais combativa do primeiro modernismo, fez-se necessário aprofundar a pesquisa sobre a “documentação arqueologicamente sepultada” (LOPEZ, 1972, p.11) com os viajantes que passaram por estas terras. Buscavam-se, nesse período de idealização modernista, respostas que dessem subsídios para a construção das bases culturais, artísticas e sociais de uma nação cuja formação étnica e política derivava de um processo bastante complexo, não apenas por sua extensão territorial e sua riqueza peculiar.

Na busca por estas respostas, intelectuais brasileiros e abasileirados assumiram o compromisso da realização de estudos científicos no campo da História, da Antropologia, da Sociologia etc. Cabia a diferentes formas de expressão artística, à música, pintura, escultura e literatura, aprofundar estudos e entender o processo de formação cultural da nação brasileira, abafado pela ideologia colonial. Di Cavalcante, Graça Aranha, Anita Malfatti, Lasar Segal, Oswald e Mário de Andrade, Villa-Lobos, entre outros, embrenhavam-se nessas aventuras de interpretação e redescoberta do Brasil, tanto no mundo das ideias, provocadas por leituras da inteligência europeia, quanto em viagens por lugares ermos e inóspitos do país, a exemplo da que fez o poeta paulista em 1927.

Mário de Andrade (1893-1945) foi um intelectual multifacetado que desde a juventude já esboçava o desejo de compreender com mais afinco as raízes culturais brasileiras, tendo em vista o interesse precoce que marcou sua adolescência. Sob a influência intelectual do pai, o jornalista Carlos Augusto de Andrade, e do avô, Joaquim de Almeida Leite Moraes, autor dos *Apontamentos de viagem de São Paulo à capital de Goiás, desta à do Pará, pelos rios Araguaia e Tocantins e do Pará à Corte: Considerações administrativas e políticas*, tornar-se-ia leitor compulsivo. “Falecido Leite Moraes em 1895, e vendida sua biblioteca, composta inclusive de edições ilustradas, de alto preço, a família herda principalmente o valor da leitura. E, no que concerne ao neto, também o gosto de conhecer o Brasil” (LOPEZ, 2013, p.2).

Esse desejo de conhecer o Brasil, que foi aguçado pelas leituras de Caspistrano de Abreu, sobretudo *Ra-txa bu-ni-ku-í: a língua dos caxinauas do rio Ibaçu, afluente do Muru*, e de Barbosa Rodrigues, *Poranduba amazonense ou Kochiyuma-uara porandub*; acabou esbarrando no trabalho de Theodor Koch-Grünberg<sup>4</sup>, que lhe foi apresentado, talvez, nas reuniões do grupo modernista, como sugere Telê Ancona Lopez (2013, p.3).

Não obstante a essas leituras, antes de empreender a viagem que faria a Amazônia, Mário de Andrade já visitara Minas Gerais em dois momentos distintos: junho de 1919 e abril de 1924. Na primeira, ficou deslumbrado com os conjuntos arquitetônicos mineiros, com as obras de Aleijadinho: “Estas manifestações, calcadas principalmente na arquitetura, indicariam os primórdios de uma identidade brasileira, a origem de nossa nacionalidade”. (NATAL, 2007, p.2). Na segunda, batizada de Viagem de Descoberta do Brasil, sobressaiu o interesse pelo conhecimento do passado nacional e dos valores tradicionais da cultura brasileira, esquecidos face ao processo de colonização. Minas Gerais, mais do que os centros metropolitanos de Rio e Bahia, era um lugar onde “a brasilidade teria se desenvolvido de maneira mais espontânea e autêntica, uma vez que estava mais distantes dos centros litorâneos e sofria, por isso mesmo, menos influência da metrópole portuguesa” (NATAL, 2007, p.11).

Mário de Andrade se dava conta da necessidade e da urgência de entender a formação histórica e social da nação como forma de superar o estado de atraso social que separava e cindia a sociedade brasileira em diferentes aspectos.

Relutante, depois de concluir a primeira e segunda versões de *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*, o escritor decide não mais procrastinar a viagem ao Norte e Nordeste do país e parte para a Amazônia: “resolvi ceder mandando à merda esta vida de merda” (ANDRADE, 2001, pp.304-341).

Na viagem, buscou compreender como uma região tão complexa e de dimensões continentais poderia compor o mosaico da unidade nacional: “A viagem à Amazônia, a julgar-se pelos textos de 1927 e 1928 que dela resultaram, foi claramente marcada pela preocupação etnográfica, com Mário de Andrade procurando uma

---

4 No momento da descoberta do pesquisador germânico, Mário de Andrade confessa: “Resolvi escrever, porque fiquei desesperado de comoção lírica quando lendo o Koch-Grünberg percebi que Macunaíma era um herói sem nenhum caráter nem moral nem psicológico, achei isso enormemente comovente nem sei porque, de certo pelo ineditismo do fato, ou por ele concordar um bocado bastante com a época nossa, não sei ... Sei que botei dois dias depois pra chácara dum tio em Araraquara levando só os livros indispensáveis pra criação seguir como eu queria e zás, escrevi feito doido [...]. Seis dias e o livro estava completo (ANDRADE, 1978, p.257).

particularidade do Brasil através da observação da vida do povo”. (LOPEZ, 1972, p.19). Esforçava-se para entender a função social da linguagem, suas variações/falas regionais e sua ligação com a formação sociocultural do povo.

Esse encontro com o Brasil profundo é cheio de experiências marcantes e ilustrativas da existência de vários brasis dentro do Brasil, como ocorre no episódio em que encontra

Dois lindos frades italianos, gordos, fortes, às gargalhadas. Estávamos visitando as instalações, escola com quarenta alunos atuais, posto de profilaxia contra maleita, fechado porque o Governo não mandava mais remédio, o igrejó e roçado por detrás com jardimzinho e goiabas, quando chega frei Diogo, fazendo um barulhão, e convida pra entrar na casa dos padres (ANDRADE, 2015a, p.112).

Frei Diogo, ao saber da procedência de Mário de Andrade e da comitiva que o acompanhava na viagem à região Norte, em 15 junho de 1927, diz: “— Vocês são paulistas... Vocês não são brasileiros não! Para ser brasileiro precisa vir no Amazonas, aqui sim! Você (apontou pra mim) tem pronúncia própria de italiano” (ANDRADE, 1983, p.101). Essa confusão perdura ainda em outros eventos, ocorridos em Tefé: “[...] o portuga da venda garantiu que era português da gema, em Tonantins passei por italiano, agora aqui em São Paulo de Olivença, frei Fidélis me pergunta meio indeciso se sou inglês ou alemão!” (p.102).

Ao vivenciar episódios como esses, o pesquisador se conscientizava de que, para a concretização do seu projeto ideológico de compreender o Brasil e suas complexas raízes socioculturais, teria que, ele mesmo, se lançar nessa jornada investigativa. Daí sua curiosidade insaciável pelo Brasil.<sup>5</sup>

O autor de *Macunaíma* ia aguçando cada vez mais seu senso de Brasil, bem como sua comoção e espanto, pois permitiam fazer uma leitura mais apurada do país, como constata também Luiz Philippe Torelly:

O contato, ora com a floresta, ora com o sertão, e seus diversos tipos humanos e manifestações culturais, religiosidade, folguedos, danças, músicas, quase sempre impregnados de sincretismo e superstição, causa grande impacto em nosso “turista”, consolidando uma visão de nacionalidade abrangente em oposição aos valores regionais até então majoritários (TORELLY, 2015, p.12).

Esta visão sobre os valores constitutivos das regiões mais longínquas do território nacional tomou forma tanto no discurso ficcional de *Macunaíma: o herói*

---

5 Cf. LOPEZ; FIGUEIREDO, 2015, p.439.

*sem nenhum caráter* quanto de *O Turista Aprendiz*. Ambas as obras trazem para um mesmo plano semântico a pluralidade da formação cultural e identitária do Brasil, singularizando-o.

Esta aventura pela Amazônia dava continuidade à viagem feita por Mário ao interior de Minas Gerais em 1924, com um grupo de intelectuais brasileiros e estrangeiros. Mas na viagem à Amazônia, o ‘viajante atrapalhado’ era o único homem da comitiva<sup>6</sup>, o que o deixara ainda mais desnorteado, na companhia de três mulheres (Dona Olívia Guedes Penteado, sua sobrinha, Margarida Guedes Nogueira, Mag, e Dulce do Amaral Pinto, ou Dolur, filha da pintora Tarsila do Amaral).

Todavia, os quiproquós começam ainda em terra, na confusão do horário de partida e no esquecimento de peças da extensa e desnecessária bagagem que levaria para aquela viagem de três meses ao Norte do país, como se pode constatar no diário:

7 de maio de 1927. São Paulo. Partida de São Paulo. Comprei pra viagem uma bengala enorme, de cana-da-índia, ora que tolice! Deve ter sido algum receio vago de índio... Sei bem que esta viagem que vamos fazer não tem nada de aventura nem perigo, mas cada um de nós, além da consciência lógica possui uma consciência poética também. As reminiscências de leitura me impulsionaram mais que a verdade, tribos selvagens, jacarés e formigões. E a minha alminha santa imaginou: canhão, revólver, bengala, canivete. E opinou pela bengala. Pois querendo mostrar calma, meio perdi a hora de partir, me esqueci da bengala, no táxi lembrei da bengala, volto buscar bengala e afinal consigo levar a bengala pra estação. Faltam apenas cinco minutos pro trem partir. Me despeço de todos, parecendo calmo, fingindo alegria. “Boa-viagem”, “Traga um jacaré”... Abracei todos. E ainda faltavam cinco minutos outra vez! (ANDRADE, 2015a, p.50).

Percorrendo parte do litoral nordestino – Salvador, Maceió, Recife – a bordo do *Pedro I*, e já restabelecido um pouco do susto inicial da viagem, é em Fortaleza que Mário começa a ver, entender e denunciar as impropriedades de uma ótica distorcida sobre a vida, a formação histórica e identidade cultural dos brasileiros. Essa visão foi em parte construída a partir dos relatos dos viajantes, principalmente sobre a Amazônia, “peça fundamental daquilo que Telê Porto Ancona Lopez designou de modo muito feliz como a ‘utopia amazônica’ de Mário de Andrade, sua meditação sobre uma civilização tropical”. (BOTELHO, 2013, p.20)

Tal é o que se pode notar, por exemplo, na nota do dia 18 de maio de 1927: ao amanhecer em pleno canal cearense, Mário inicia o trabalho crítico de resignificação histórica da colonização do Brasil. Aludindo a artistas do século XIX (ANDRADE, 2001, p.363), como José de Alencar, em especial, ele comenta: “A isso chamam por aqui de ‘verdes mares bravios’... É um canal e não tem nada de

6 Cf. LOPEZ, 1972, p. 18.

bravo. Pelo contrário é meigo [...] Até dá raiva. [a embarcação] Banza banza namora come cana enquanto a gente está impaciente pra ver a foz do Amazonas amanhã” (ANDRANDE, 2015a, p.40).

Negando a imagem dos “verdes mares bravios” e acusando seus antecessores de serem “mentirosos a valer” (ANDRADE, 1983, p.42), ao entrar no espaço amazônico, o turista aprendiz confessa, num jogo conflituoso de sensações, entre assombrado, aturdido e maravilhado, o desejo de compreender melhor o Brasil em sua totalidade:

Há uma espécie de sensação ficada da insuficiência, de sarapintação, que me estraga todo o europeu cinzento e bem arranjadinho que ainda tenho dentro de mim. Por enquanto, o que mais me parece é que tanto a natureza como a vida destes lugares foram feitos muito às pressas, com excesso de castro-alves. E esta pré-noção invencível, mas invencível, de que o Brasil, em vez de se utilizar da África e da Índia que teve em si, desperdiçou-as, enfeitando com elas apenas a sua fisionomia, suas epidermes, sambas, maracatus, trajes, cores, vocabulários, quitutes... E deixou-se ficar, por dentro, justamente naquilo que, pelo clima, pela raça, alimentação, tudo, não poderá nunca ser, mas apenas macaquear, a Europa. Nos orgulhamos de ser o único grande (grande?) país civilizado tropical... Isso é o nosso defeito, a nossa impotência. Devíamos pensar, sentir como indianos, chins, gente do Benin, de Java... Talvez então pudéssemos criar cultura e civilização próprias. Pelo menos seríamos mais nós, tenho certeza [grifei] (LOPEZ, 1972, pp. 60-61).

Constatamos, então, a urgência que o idealizador de *Macunaíma* tinha em desvendar a magia daquele mundo feito de floresta, rios, pântanos e de uma infinidade de seres que ali viviam; desvendar a fantasia num engenho de arte. Tal urgência multiplica sua comoção e espanto ao perceber as primeiras águas da foz do rio Amazonas: “Que posso falar dessa foz tão literária e que comove tanto quando assuntada no mapa? [...] A foz do Amazonas é uma dessas grandiosas que ultrapassam as percepções fisiológicas do homem (ANDRADE, 2015a, p.68).

Tanto na viagem ao Nordeste quanto à Amazônia, não se cansa de reavaliar as leituras de interpretação do Brasil e de planejar os próximos passos para que o país se estabeleça como nação independente política, econômica e culturalmente, e não permaneça como uma simples colônia europeia. Para isso, se tornará uma voz de resistência para o povo brasileiro que há muitos séculos fora marginalizado.

Lopez (1972, p.113) relata que o pesquisador paulistano, em 1932, ao revisar no seu diário os dados coligidos (em 1927 principalmente) para a edição de *Na Pancada do Ganzá*, analisa a vida do povo brasileiro e o meio em que vive, denunciando sua sôfrega capacidade para a adaptação diante das constantes mudanças experienciadas pelo homem do século XX.

Podemos afirmar que, enquanto escritores como Euclides da Cunha, em *Os Sertões* (1902), Gilberto Freyre, em *Casa-Grande & Senzala* (1933), e uma plêiade de escritores regionalistas, abusaram de uma linguagem realista de onde transparecia um tipo de preocupação ufanista em caracterizar o país, o poeta paulistano buscou, na metalinguagem da floresta amazônica e na fala inculta de seus ribeirinhos, traduzir o contexto social de um Brasil ávido pelo progresso, mas ainda desconhecedor de suas origens culturais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao retornar a sua casa, um tanto aliviado Mário de Andrade (ANDRADE, 1983, p.197) escreveu: “Bolas! Enfim, pelas quatorze horas, são exatamente quatorze horas e onze minutos e doze segundos, na ‘minha’ casa, com os ‘meus’, com a ‘minha’ gente. Fecha bem a porta, Bastiana! Fecha a porta com chave, Bastiana! atira a chave na rua!”. O trecho denuncia que Mário encarava as viagens físicas por curiosidade e, principalmente, por necessidade de formação intelectual, ainda que pouco afeito a elas. Mas foi viajando que ele ampliou e aprofundou o conhecimento do Brasil, aquele que há tempos perseguia através das muitas leituras que vinha realizando no famoso escritório da rua Lopes Chaves sobre diversos aspectos da cultura brasileira.

Ao descobrir a Amazônia, “onde o homem poderia viver sem contradições com sua geografia”, Mário descobre também a vida cotidiana dos povos ribeirinhos e das trocas (muitas vezes desproporcionais) culturais tão presentes no curso da história e que marcam a Amazônia, tanto no campo social, político e econômico, quanto no âmbito da cultura. A leitura que Mário de Andrade faz da região se assenta sobre a dualidade entre o progresso e a necessidade de reconstrução da identidade de um país cuja história é marcada por interpretações lacunares e contradições ideológicas.

Depois de ter feito esse percurso mais amplo sobre a questão amazônica e o Brasil, voltamos a atenção para a análise da obra de Mário de Andrade e, mais particularmente, sobre o lugar da questão da Amazônia em sua construção. Em *Macunaíma* e em *O Turista Aprendiz*, mais que talvez em qualquer outra parte de sua profusa obra, o poeta se empenha em definir uma cultura válida para o Brasil e os brasileiros. Mário se esforçava para tornar o Brasil conhecido dos brasileiros, não o Brasil litoral, mas o Brasil profundo, aquele pouco conhecido pela história oficial.

Mário de Andrade foi um pensador e um ativista preocupado, principalmente, com as classes marginalizadas, com suas culturas e formas de vida, tais como o índio, o negro, os trabalhadores assalariados, os nordestinos e caboclos atapiados do Norte brasileiro, como podemos perceber no poema abaixo:

## *Descobrimento*

Abancado à escrivaninha em São Paulo  
Na minha casa da rua Lopes Chaves  
De supetão senti um friúme por dentro.  
Fiquei trêmulo, muito comovido  
Com o livro palerma olhando pra mim.

Não vê que me lembrei que lá no Norte, meu Deus!  
muito longe de mim  
Na escuridão ativa da noite que caiu  
Um homem pálido magro de cabelo escorrendo nos olhos,  
Depois de fazer uma pele com a borracha do dia,  
Faz pouco se deitou, está dormindo.

Esse homem é brasileiro que nem eu.<sup>7</sup>

O poema dá conta de uma preocupação quase constante na obra de Mário de Andrade, que sempre sentiu o “friúme por dentro” e, num rompante, após acabar de escrever as duas primeiras versões de *Macunaíma*, sentiu a necessidade de completar as informações colhidas nos “livros palermas” sobre a realidade brasileira dos lugares que, diferentemente do Brasil litoral, ainda guardavam resquícios de cultura pouco influenciados pela cultura europeia.

O motivo do poema condensa antecipadamente a decisão de sair do conforto do escritório da rua Lopes Chaves para se aventurar pela Amazônia (aventura que depois, logo em seguida, no segundo semestre de 1927, começo de 1928, se repetiria pelo Nordeste). E foi assim que Mário de Andrade, o eterno turista aprendiz, munido de “tinta di iscrevê” e “papé di assentá” (LOPEZ;FIGUEIREDO, 2015), viajou para Amazônia, onde se acocorou em riba dumas folhas, catou seus carrapatos, ponteou na violinha, e em toque rasgado testemunhou e buscou entender a vida de uma gente cuja história precisaria romper “a escuridão ativa da noite que caiu”. Tratava-se da tentativa pulsante e desesperada de conhecer aquele Brasil tão pouco conhecido dos brasileiros.

Podemos propor que o poema *Descobrimento* sintetiza o objetivo e as linhas-mestras do monumental trabalho de pesquisa e criação desenvolvidos por Mário de Andrade ao longo da vida. Travestido de trovador, arlequim e *clown*, em vez de ir para

<sup>7</sup> Disponível <http://www.portalsaofrancisco.com.br/obras-literarias/descobrimento-mario-de-andrade> em acessado em 12 de maio de 2017.

a Europa, umbigo do mundo, o poeta se empenhou, talvez mais que qualquer outro brasileiro de sua época (época em que o Brasil conhecia pouco as diferentes partes do seu corpo) na construção de uma cultura válida para o país e para os brasileiros.

Mário de Andrade, intérprete do Brasil, conheceu a fundo sua terra natal a partir das leituras que fez em sua grande biblioteca. Porém, mais que isso, cuidou de resguardar a cultura do povo, tornando-se, além de romancista competente e genial, um dos grandes etnógrafos da alma do povo brasileiro. *O Turista aprendiz* e *Macunaíma* são obras primas do pensamento brasileiro. Mário de Andrade, talvez, também o seu grande etnógrafo.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, M. *O Turista Aprendiz*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Correspondência Mário de Andrade e Manuel Bandeira*. São Paulo: USP, 2001.
- \_\_\_\_\_. *O Turista Aprendiz*. Brasília: Iphan, 2015a.
- ARBEX JUNIOR, J. “Terra sem povo, crime sem castigo”: pouco ou nada sabemos de concreto sobre a Amazônia. In.: TORRES, M. (org.) *Amazônia revelada: os descaminhos ao longo da BR-163*. Brasília: CNPq, 2005. Disponível em <http://centrodememoria.cnpq.br/amazonia%20revelada.pdf>. Acessado em 30 de junho de 2016.
- BOTELHO, A. A viagem de Mário de Andrade à Amazônia: entre raízes e rotas. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 57, 2013. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rieb/n57/02.pdf>. Acesso em 16 de abril de 2016.
- CARVALHO, F. A. C. Theodor Koch-Grünberg e a cultura brasileira. *Gragoatá*, Niterói, n. 41, 2. sem. 2016.
- CUNHA, E. *Um paraíso perdido: reunião de ensaios amazônicos*. Brasília: Senado Federal, 2000.
- LOPEZ, T. P. A. *Mário de Andrade: ramais e caminhos*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1972.
- \_\_\_\_\_. O Macunaíma de Mário de Andrade nas páginas de Koch-Grünberg. Manuscrita, *Revista de Crítica Genética*. N. 24, 2013. Disponível em <http://www.revistas.ffch.usp.br/manuscrita/article/view/1481/1314>. Acessado em 19 de julho de 2016.
- LOPEZ, T. P. A.; FIGUEIREDO, T. L. (Org.) *O Turista Aprendiz*. Brasília: Iphan, 2015.

NATAL, C. M. *Mário de Andrade em Minas Gerais: em busca das origens históricas e artísticas da nação*, 2007. Disponível em: <http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/rhs/article/viewFile/217/209>. Acessado em 19 de julho de 2016.

PINTO, R. F. *Viagem das ideias*. Manaus: Editora Valer, 2008.

PIZARRO, A. Imaginario y discurso: la Amazonía. *Revista de Crítica Literária Latinoamericana*. Año XXXI, N° 61. Lima-Hanover, 1er. Semestre de 2005. Universidad de Santiago de Chile. Disponível em: <http://www.amazonia.bo/administrador/imgnoticia/discurso.pdf> Acesso em: 26 de junho de 2017.

SOUZA, M. *A expressão amazonense: do colonialismo ao neocolonialismo*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1977.

\_\_\_\_\_. Literatura na Amazônia, ou literatura amazônica? *Revista Sentidos da Cultura* - Belém/Pará. V.1. N. 1. Jul-dez/2014. Disponível em <https://paginas.uepa.br/seer/index.php/sentidos/article/download/351/328>. Acesso em 29 de junho de 2017.

TORELLY, L. P. P. O Turista aprendiz e o patrimônio cultural. IN: ANDRADE, M. *O Turista Aprendiz*. Brasília: Iphan, 2015.

